



# História, escolas e movimentos dos indicadores culturais<sup>1</sup>

*Tiago Costa Martins<sup>2</sup>*

*Maria Manuela Gomes de Azevedo Pinto<sup>3</sup>*

- .....
- 1 Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo n° 425620/2016-6, com período de investigação no Centro de Investigação em Comunicação, Informação e Cultura Digital (CIC). Digital, Universidade do Porto, Portugal.
  - 2 Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: tiagomartins@unipampa.edu.br.
  - 3 Professora Doutora do Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas, Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, Portugal (Uporto). E-mail: mmpinto@letras.up.pt.

## RESUMO

A literatura reconhece os indicadores culturais como o membro mais novo da família dos indicadores. Na perspectiva de entender como ocorre a sua conceituação e aplicação na realidade social, procura-se compreender a sua história à luz das escolas e movimentos em torno do tema. Para tanto, problematiza-se esse percurso a partir de agentes, instituições, temporalidades e intencionalidades na definição e uso dos indicadores. Conclui-se com a apresentação dos resultados da pesquisa exploratória realizada, envolvendo o levantamento bibliográfico e documental, nomeadamente um *framework* das linhas de atuação e os expoentes de investigação e uso dos indicadores culturais.

**Palavras-chave:** *Estatística. Informação cultural. Política cultural. Indicador cultural.*

## ABSTRACT

The cultural indicators literature recognizes them as the newest member of the indicators family. In the perspective of understanding how its concept and application occurs in the social reality, it is intended to comprehend the history through schools and moves around the theme. Therefore, it is problematized this path starting from the agents, institutions, temporalities and intentionalities in the indicators definition and uses. It is concluded with the results presentation in the exploratory research made, involving the bibliographic and documental survey, naming a framework of the lines of the act and the exponents of investigation and cultural indicators use.

**Keywords:** *Statistic. Cultural information. Cultural policies. Cultural indicator.*

## INTRODUÇÃO

A literatura reconhece os indicadores culturais como o membro mais novo da família dos indicadores, tendo surgido nas décadas de 1960 e 1970 e, com maior estruturação, na década de 1980. (BLOMKAMP, 2015; CARRASCO ARROYO, 1999) Há duas situações estabelecidas para esse reconhecimento. Primeiro, pelo desinteresse na cultura nas políticas nacionais, enquanto parte de uma estrutura de planejamento para o desenvolvimento dos territórios (países e regiões, por exemplo). Segundo, pela dificuldade de perceber um conceito adequado para cultura e consequente articulação com os indicadores.

Por essa ordem, os estudos e a aplicação dos indicadores culturais recebeu, ao longo do tempo, diferentes perspectivas de análise. Por exemplo, em 1982, Tannenbaum identificou três tipos principais: medidas de produção e consumo cultural; medidas de levantamentos e avaliações de valor; e análise de conteúdo de mídia. (BLOMKAMP, 2015) Já em 1999, Salvador Carrasco Arroyo apresentou três escolas sobre os indicadores culturais, personificando em investigadores e instituições que os conceituaram e os aplicaram. Recentemente, Emma Blomkamp (2015) sugere percebê-los

através do valor cultural, no sentido de entender como ocorre a compreensão e valorização da cultura nos indicadores.

O objetivo do presente artigo é compreender a trajetória dos indicadores culturais ao longo da história para servir de baluarte no entendimento dos conceitos e das aplicações na realidade social, à luz das escolas e dos movimentos em torno do tema. Para tal empresa realizou-se uma pesquisa de cunho exploratório, envolvendo o levantamento bibliográfico e documental, baseado na problemática de perceber os agentes, as instituições, as temporalidades e as intencionalidades. Conceitualmente, a pesquisa usa o parâmetro do reconhecimento de escolas e movimentos dos indicadores. Escola entendida como um expoente de pensamento ou conjunto de investigadores (ou instituições) que, consolidados no tempo e na reputação científica, compartilham orientação teórica e problemas comuns de análise. Por seu turno, movimentos faz referência às formações enquanto tendências, com uma prática e/ou objetivo comum, que são estabelecidas por um grupo de pensadores ainda em fase de consolidação teórica e de configuração de análises.

Nessa perspectiva, neste artigo descreve-se a trajetória histórica dos indicadores culturais. Por fim, encerra-se o estudo com um *framework* para as escolas e os movimentos, apresentando as principais linhas de atuação e os expoentes de investigação e uso dos indicadores culturais.

## A HISTÓRIA DOS INDICADORES CULTURAIS

A proposta do tópico é apresentar a cronologia dos indicadores dentro de uma seleção intencional. Assim, o texto divide-se em subtópicos que ora estão por década, ora por temas afins, procurando seguir a ordem cronológica, mesmo que essa implique pequenas rupturas nos temas relacionados.

## Dos antecedentes à primeira escola

Inicialmente, é relevante apresentar a associação entre indicadores culturais e os indicadores sociais. As primeiras noções a eles relacionadas remontam ao século XVI e XVII, com a recolha de informações sobre população ou aspectos militares na Alemanha e na Inglaterra. Mas, é a partir do século XX que há uma intensificação de práticas na coleta de informações sociais. Três momentos são oportunos de lembrança.

Em 1924, o economista britânico Arthur Pigou, em *The economics of welfare*, chama a atenção para os custos sociais que não eram captados pela economia de mercado e que precisariam de uma intervenção do Estado. Qual seria o custo social na redução dos bairros residenciais pela construção de fábricas? Ou qual seria o custo dos serviços de segurança pública relacionados com a venda de bebidas alcoólicas? Os “custos sociais tinham de ser quantificados para determinar seu impacto sobre a produção social líquida”. (CARLEY, 1985, p. 16) Esse episódio torna-se importante por aproximar as dimensões econômicas e sociais e, especificamente à cultura, lançar a orientação de que esta estará presente nos custos sociais, quando não é de interesse do mercado.

O segundo episódio tem por nome o sociólogo William Ogburn. Em 1922, ele publicou a obra *Social change*, em que entende que a melhor maneira de perceber a mudança social seria por meio do desenvolvimento e da evolução cultural. (CARLEY, 1985) Ogburn participou da elaboração do clássico relatório norte-americano *Recent social trends*, de 1969, utilizado pelo comitê presidencial com vista à captação da mudança social através de um conjunto de informações quantitativas. “Nesse relatório, 32 tópicos foram investigados, incluindo-se a educação, as artes, grupos raciais e étnicos, recreação e lazer”. (CARLEY, 1985, p. 18, grifo nosso)

Essa dimensão positivista evolutiva da mudança social avança, a partir da década de 1960, para o uso de indicadores com fins de entender e orientar os governos nas tomadas de decisão. Tal

período, reconhecido como o do “movimento dos indicadores sociais” (JANNUZZI, 2017), corresponde ao terceiro episódio em relação aos indicadores culturais. O uso de indicadores econômicos e modelos econométricos marcou o início do período, assim como a replicação desses modelos no social. No entanto, a ênfase em contas sociais relacionadas com medidas monetárias limitava a avaliação mais adequada do bem-estar. (CARLEY, 1985) Dessa diferença e da associação específica com os indicadores culturais, pode-se dizer que esse episódio ponderou alguns aspectos, a saber: exageradas medidas monetárias não medem “a satisfação psicológica, a felicidade ou a realização na vida; a avaliação de bens e serviços pelo mercado não está necessariamente relacionada com seu conteúdo em termos de bem-estar”. (CARLEY, 1985, p. 19) Nota-se, assim, a preocupação na captação da dimensão subjetiva da vida, elemento tão caro, até hoje, aos indicadores culturais.

Ocorre, ainda na década de 1960, o início do movimento em torno da cultura e a geração de informação e recolha de dados estatísticos. Esse período não trata de indicadores, mas de inquéritos no campo cultural. Nesse contexto, tem-se a pesquisa coordenada por Pierre Bourdieu e Alain Darbel, intitulada *L’amour de l’art: les musées et leur public*, de 1966. A pesquisa publicada no mesmo ano, revista e ampliada em 1969, realiza uma “sondagem sistemática sobre o público de museus, na Europa, suas características sociais e escolares, suas atitudes em relação ao museu e suas preferências artísticas”. (BOURDIEU; DARBEL, 2007, p. 23) A pesquisa apresenta uma série de variáveis, tais como: categoria socioprofissional, nível de escolaridade, profissão, renda, faixa etária, dentre outras. Elementos que podem ser traduzidos como indicadores, exemplificados em: (i) taxa de frequência dos museus, por ano, segundo as categorias socioprofissionais; ou (ii) proporção de visitantes em relação ao nível de escolaridade. (BOURDIEU; DARBEL, 2007) Pessoas, números, práticas e consumo cultural de Bourdieu e Darbel

acabam por destacar a dimensão quantitativa dada ao estudo e evidenciam a não exclusão da relação quantitativa/qualitativa na análise cultural.

Refira-se, de passagem, que uma outra articulação entre cultura, informação quantitativa e instituição, direcionada às políticas culturais, deve ser apresentada. Em 1967, ocorre a primeira tentativa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) para construir um índice de desenvolvimento cultural. O projeto foi realizado em parceria com o departamento de economia da Universidade de Princeton, nos Estados Unidos. A noção de desenvolvimento cultural é, então, traduzida em alguns indicadores: circulação diária de jornais por mil habitantes; receptores de rádio por mil habitantes; frequência anual em cinemas per capita; taxa de alfabetização da população adulta. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 1982a) A tentativa de criar o índice respondia à necessidade de superação das medidas monetárias na ação governamental, configuração vista anteriormente com os indicadores sociais. Vale apontar, no entanto, a associação do desenvolvimento cultural com indicadores ligados aos meios de comunicação, pessoal ou de massa: jornais, rádio, telefones e cinema.

Em 1969, tem-se notícia do uso específico do termo indicadores culturais dentro de uma base teórica e de uma metodologia de análise. Isso se efetivou com o húngaro George Gerbner (1919–2005), no *Cultural indicators project*, realizado na Annenberg School for Communication, da Universidade da Pensilvânia, para a Comissão Nacional sobre Causas e Prevenção da Violência nos Estados Unidos. Pode-se dizer que Gerbner trabalhou com três eixos associados aos indicadores: meio de comunicação; conteúdo; comportamento. Os primeiros esforços do estudo focaram a natureza e as funções da violência na televisão e sua influência no comportamento da audiência. Na sequência, ele reconhece que o uso das medidas de análise foram ampliadas.

Nós investigamos o alcance em que a exibição da televisão contribui para concepções e ações de audiência em áreas como gênero, minorias e estereótipos de idade, saúde, ciência, família, realização educacional e aspirações, política, religião e outros tópicos. (GERBNER, 1998, p. 179, tradução nossa)

Em termos práticos, o projeto se concentrou na análise de conteúdo da programação da televisão comercial. O elemento mais citado, nos primeiros estudos de Gerbner, foi a medida anual dos níveis de violência em programas de drama em horário nobre e em desenhos animados para crianças. (PETERSON, 1980) Nos estudos conduzidos por Gerbner, é possível perceber indicadores como: o percentual de exposição à televisão em determinadas horas; o percentual de visualização da TV por categoria política (liberal, moderado e conservador); a relação entre violência e tipos de visualização (na televisão, nas notícias de televisão, nos jornais, nas revistas). (GERBNER; GROSS, 1973)

Dessa mesma linha, é de citar a contribuição do sueco Karl Erik Rosengren, contemporâneo na pesquisa com Gerbner. Rosengren procurou estudar as mudanças nos valores culturais na Suécia, especialmente no período de 1945–1975, com a pesquisa intitulada *Cultural indicators: the Swedish symbol system*. No contexto da pesquisa, estavam elementos da publicidade, obras literárias e, na sequência, estudos em jornais impressos e televisão. Foram analisados os valores sociais de liberdade e de igualdade, por exemplo, nos jornais suecos. Para Rosengren, enquanto os indicadores econômicos teriam a função de medir os fenômenos relacionados à riqueza e os indicadores sociais os ligados ao bem-estar, os indicadores culturais fariam a medição do desenvolvimento de valores básicos e outras ideias centrais do comportamento e dos modos de ser e de viver. (ROSENGREN, 1994)

Há de se reconhecer em George Gerbner e em Karl Rosengren a formação da primeira escola dos indicadores culturais, a qual se

pauta pela análise de conteúdo das obras simbólicas para perceber as mudanças ocorridas nos valores e comportamentos culturais. (CARRASCO ARROYO, 1999)

### *Anos 1970 e 1980 e as ações institucionais*

A passagem para a década de 1970 revela o início de uma ação mais organizada em termos de indicadores culturais, especialmente pela presença de instituições supranacionais. Menciona-se o Conselho da Europa que, em Yerres, França, 1970, e em Estocolmo, Suécia, 1972, reuniu um grupo de expertos em estatísticas para debater as comparações internacionais no campo da cultura. (CARRASCO ARROYO, 1999)

Ainda em 1970, ocorre a primeira conferência intergovernamental da Unesco focada nas políticas culturais em Veneza, Itália. Os pontos principais do evento foram os aspectos institucionais, administrativos e financeiros das políticas culturais, sendo que um dos temas trabalhados foi a investigação sobre tais políticas. Na questão específica das estatísticas e dos indicadores culturais, a conferência deliberou pelo estudo em estatísticas e indicadores às despesas culturais dos poderes públicos e aos padrões de comportamento cultural. (UNESCO, 1982a)

A conferência de Veneza foi considerada a primeira consulta mundial sobre cultura e levou à realização de conferências regionais. Na Europa, o encontro na Finlândia (1972) sugere à Unesco o estabelecimento de definições e classificações uniformes de indicadores no desenvolvimento cultural. (UNESCO, 1972) Na Ásia (1973), a recomendação foi com relação ao planejamento cultural e à necessidade de algum tipo de quantificação. Já no Gana (1975), enfatizaram-se elementos qualitativos em busca da identidade cultural e da autenticidade das culturas africanas, especialmente no contexto de libertação política enquanto colônia da Europa.

Ainda em 1978, há de se destacar a publicação, na França, do *Annuaire statistique de la culture pour 1970-1974*. O anuário foi

desenvolvido pelo Ministério da Cultura e Comunicação, interessado em apresentar os números financeiros da cultura sob a responsabilidade do Estado francês.

No ano seguinte, 1979, a Unesco publica um estudo preliminar para a construção do *Framework for cultural statistics*. Nessa publicação, há uma metodologia de enquadramento à cultura com vista à apresentação de estatísticas e de indicadores. Expõem-se pela primeira vez as categorias culturais (patrimônio, música, artes etc.), as funções culturais (criação, produção etc.) e a definição do uso padronizado de algumas informações, com a categoria “mão de obra e ocupações” a partir dos códigos econômicos de ocupação. (UNESCO, 1979)

Nesse mesmo ano, a Unesco organiza um encontro de especialistas em indicadores de cultura, em Viena, Áustria. No evento, Louis Bohner reconhece que a dimensão da cultura não entra numa mesma análise quantitativa como a econômica, mas que é possível medir os esforços feitos pelos países nas políticas e nas atividades culturais. No seu dizer, “os indicadores quantitativos facilitam uma abordagem empírica que parece essencial para a formulação de uma política cultural racional”. (BOHNER, 1979, p. 5, tradução nossa)

Em maio de 1980, em Acapulco, México, é a vez da International Communication Association realizar um encontro de estudiosos em estatísticas culturais. No evento global de estudos em comunicação, a *International Conference on Communication*, foi realizada uma sessão intitulada “Os indicadores culturais e o futuro das sociedades desenvolvidas”. Essa sessão obtém destaque não só pela presença de representantes de diferentes linhas de investigação na área da comunicação e da cultura, mas porque esses pesquisadores relacionavam seus estudos com os indicadores culturais.

O ano de 1982 é marcado por duas iniciativas em torno do tema. A primeira é a realização, em Viena, do *Symposium on Cultural Indicators for the Comparative Study of Culture*, sob a responsabilidade da Austrian Academy of Sciences. A segunda iniciativa

ocorreu por conta da Unesco, na realização da *I Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais* (MONDIACULT). No que compete aos indicadores, são relevantes dois episódios da conferência. Antes do evento, a instituição apresentou um *paper* intitulado “Estatísticas culturais e desenvolvimento cultural”. (UNESCO, 1982a) O material contém o trabalho, até então em curso, de pesquisa estatística sobre determinados meios de comunicação de massa reconhecidos como apoio ao desenvolvimento cultural. Há uma gama de indicadores com ênfase no rádio, TV e impressos. O segundo episódio, já na conferência, está na proposta de redefinição do termo cultura por parte da Unesco, incluindo não só as artes e as letras, mas também os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano e os sistemas de valores, tradições e crenças. Em outros termos, a Unesco aponta para a dimensão do imaterial, do intangível, assim como para a dimensão antropológica, do direito, dos valores, das práticas cotidianas. (UNESCO, 2018) O informe final do evento vai trazer uma recomendação sobre a difusão e o intercâmbio de dados culturais, na qual é sugerida a criação das condições para armazenar, distribuir e usar informações culturais em diferentes países, bem como a promoção de relações multilaterais para facilitar o uso da informação cultural e a criação de grandes redes que permitem o intercâmbio de dados culturais e científicos. (UNESCO, 1982b)

As implicações oriundas desse período resultaram na consolidação e publicação do *Framework for cultural statistics* (FCS), em 1986. A formatação final do quadro de referência em estatísticas e indicadores expõe dez matrizes de modelos de recolha de informações culturais. As matrizes são apresentadas de acordo com o setor cultural e o ciclo cultural. Por exemplo, no setor da música, no momento da criação cultural, o número de compositores por estilo musical; na recepção/consumo, a quantidade da audiência em performances musicais. (UNESCO, 1986)

O FCS foi um marco na configuração dos indicadores culturais em nível mundial. Pode-se dizer que origina a formação de uma escola

de estudos em indicadores, marcada pelo interesse nos processos de produção, distribuição e consumo cultural.

### *Anos 1990 e os indicadores de cultura e desenvolvimento*

A década de 1990 representa uma ampliação da constituição e da utilização dos indicadores culturais. Basicamente, o período remete a um movimento de elaboração de indicadores em relação ao desenvolvimento. No entanto, as dimensões cultura e desenvolvimento são revistas nesses termos. Mesmo reconhecendo o caráter mais subjetivo do primeiro e mais objetivo para o segundo, houve um direcionamento para a dimensão humana dos termos. Os indicadores deveriam perceber “a percepção humana sobre sobrevivência/evolução cultural, seu papel na mudança socioeconômica e vice-versa”. (CARCELES-BREIS, 1992, p. 11, tradução nossa)

A busca por avaliar os padrões de mudança cultural e as relações existentes com as características do desenvolvimento pode ser vista, no mínimo, em duas frentes de estudos. Uma, na própria ampliação dessa percepção pela Unesco; a outra, na consolidação dos estudos realizados pelo pesquisador norte-americano Ronald Inglehart.

Na Unesco, em 1992, essa postura fica clara com a publicação do *paper* de Gabriel Carceles-Breis, intitulado *Towards a framework of socio-cultural indicators for the development process*. O texto procura explorar novas áreas para os indicadores socioculturais e, para isso, destaca estudos na Holanda e na Nova Zelândia, os quais trazem dimensões mais amplas do comportamento e da percepção humana sobre diferenças culturais, valores e aspirações. Citam-se tópicos como: o ritmo de mudança desejado na sociedade; igreja e religião; igualdade de direitos das mulheres. (CARCELES-BREIS, 1992)

Talvez tenha sido em 1995 que a Unesco, com a publicação do *report of the world commission on culture and development* intitulado *Our creative diversity*, deixou expresso a transformação na forma de perceber cultura e desenvolvimento. Segundo a instituição, todas as formas de desenvolvimento são, em última instância, determinadas por fatores culturais. Diante dessa preocupação podem-se

citar, pelo menos, duas ponderações associadas aos indicadores culturais. A incipiente atuação no tema preocupa a Unesco, à época, com elementos negligenciados pelos indicadores, mas que precisariam ser equacionados, tais como a participação em atividades culturais, a liberdade política e os direitos humanos. (UNESCO, 1995) Já em termos analíticos, a instituição destaca a necessidade de uma adequada exploração dos significados dos indicadores. Seria preciso, então, perceber as possibilidades e os limites do uso de indicadores para dar conta da leitura de um fenômeno cultural.

Por seu turno, a outra frente de estudo sobre os indicadores culturais percebida nesse período diz respeito à atuação do norte-americano Ronald Inglehart (1934-). É bem verdade que não se pode datar a atuação de Inglehart nessa década, mas é precisamente em 1997 que o pesquisador apresenta um dos estudos mais bem elaborados sobre a mudança cultural no mundo.<sup>4</sup>

A pesquisa global coordenada por Inglehart apresenta as transformações nas crenças e nos valores sociais ao longo do tempo, assim como as relações que tais mudanças possuem nas dimensões sociais, políticas e econômicas. O estudo de 1997 apresenta um conceito de cultura relacionado com padrões sociais transmitidos de geração em geração. A associação com os indicadores segue essa linha e pode ser exemplificada pelo percentual de pessoas “que dizem que a igreja de seu país apresenta respostas adequadas às necessidades espirituais”. (INGLEHART, 1998, p. 493, tradução nossa)

A projeção dos estudos de Inglehart é reconhecida, na atualidade, como a pesquisa global intitulada *World values survey*, pela qual se procura medir, monitorar e analisar questões sobre a democracia, o papel da religião, a tolerância, dentre outros temas. Assim,

.....  
4 Os estudos de Inglehart são reconhecidos desde a década de 1970. Na sua obra *The silent revolution* (1977), ele apresenta as mudanças nos valores das populações de sociedades industriais. Já em *Culture shift in advanced industrial society* (1989), Inglehart trabalha com um conjunto de dados em séries temporais para compreender as mudanças culturais na sociedade, especialmente nas gerações mais jovens.

Inglehart é reconhecido como aquele que institui outra escola dos indicadores culturais. (CARRASCO ARROYO, 1999)

O relatório mundial sobre a cultura de 1998, intitulado *World culture report: culture, creativity and markets* (UNESCO, 1998), avança em termos mais conceituais do que na apresentação de indicadores de dimensões sociais, como direitos e apoio às culturas minoritárias, liberdade de expressão ou tolerância. Por exemplo, há uma construção da ideia de indicadores de bem-estar, do individual ao coletivo, e de como agregar essa dimensão na análise do desenvolvimento cultural. (PATTANAİK, 1998) No entanto, o uso do material disponível limitou a profundidade e o alcance da análise. O relatório não conseguiu se distanciar da mensuração do desenvolvimento cultural pela produção e pelo consumo de bens culturais comercializados no mercado. Expôs, claramente, o desafio de introduzir os aspectos multiculturais em busca de um equilíbrio entre os indicadores de mercado e os indicadores de bem-estar. (GOLDSTONE, 1998)

Cabe mencionar, ainda, que o final da década foi marcado pelo interesse do Banco Mundial com os indicadores culturais. Em 1999, o banco e o governo da Itália, com o apoio da Unesco, realizaram o seminário intitulado *Measuring culture and development: prospects and limits of constructing cultural indicators*. A presença de expertos no assunto discutiu a mensuração da cultura em sua relação com o desenvolvimento, especialmente pelo viés do Banco: os aspectos econômicos do impacto da cultura sobre o desenvolvimento sustentável, em termos de diretrizes; o acompanhamento e a avaliação dos projetos financiados pelo Banco, em termos operacionais. (UNESCO, 1999)

As diferentes matizes à cultura nessa década são representadas na busca por construir indicadores que pudessem dar conta de tal implicação. Assim, os indicadores não deixam de retratar as transformações do período e da forma como esse foi lido em sua realidade: da mudança social ao desenvolvimento cultural; do bem-estar ao impacto econômico da cultura.

### *A década de 2000 e as dimensões sociais e territoriais*

O segundo informe mundial sobre a cultura da Unesco marcou a agregação de novos indicadores. Apresentado, em 2000, com o título *World culture report 2000 – cultural diversity, conflict and pluralism*, o informe amplia a análise da cultura para além do viés dos bens culturais, procurando enfatizar a diversidade, a identidade e o pluralismo em um mundo globalizado e em conflito. Em termos de diretrizes, houve o entendimento de que os indicadores são uma ferramenta para o diálogo e a orientação das políticas. (FUKUDA-PARR, 2000; GOLDSTONE, 1998)

Já no âmbito operacional, o relatório apresenta uma série de novas áreas culturais, tais como idiomas, religiões, festivais nacionais, festas populares e religiosas e espaços culturais mais visitados. (UNESCO, 2000)

Nota-se, inicialmente, a preocupação com a dimensão social em que os indicadores culturais deveriam estar centrados. De fato, ao que parece, o início da década foi marcada por projetos que trazem dois elementos fundamentais: a dimensão social e a territorial (separação que serve somente como diferenciação analítica).<sup>5</sup>

Mencione-se, ainda, em 2001, o projeto denominado *Community indicators*, da fundação norte-americana Knight Foundation. A entidade é uma fundação privada que faz doações para organizações em determinadas comunidades dos Estados Unidos. A proposta dos indicadores foi estabelecida para fazer um diagnóstico e um acompanhamento da “saúde” social das comunidades atendidas, bem como para realizar uma avaliação dos projetos financiados. (KNIGHT FOUNDATION, 2001)

- .....
- 5 A dimensão social entendida aqui diz respeito aos aspectos centrados nos indivíduos. Contempla as formas de organização, mas enfatiza os comportamentos sociais, as ações políticas em prol desses, a participação, a identidade, a alteridade, entre outros elementos. Já a dimensão territorial reconhece a dimensão social estabelecida dentro de um determinado espaço geográfico, seja uma comunidade local ou regional, seja uma cidade (espaço urbano), ou um município (urbano e rural).

No que tange aos indicadores culturais, a metodologia da fundação enfatizou a preocupação com a leitura da participação social na cultura. Pontualmente, a entidade acredita que “o valor das artes e das ofertas culturais é maior quando ajudam a contribuir para o bem-estar geral das comunidades”. (KNIGHT FOUNDATION, 2001, p. 135, tradução nossa) Houve o interesse em construir indicadores para analisar a percepção, a participação e o envolvimento com atividades artísticas e culturais. (DUXBURY, 2003)

O ano de 2002 destaca a participação do norte-americano Richard Florida, com a publicação do estudo intitulado *The rise of the creative class*. O eixo central de Florida está na criatividade como uma força motriz da economia. Para sistematizar e argumentar seu pensamento, o autor desenvolve um índice global de criatividade associado ao talento, à tecnologia e à tolerância. Para perceber a associação da criatividade com o desenvolvimento, especialmente às cidades, o autor criou, por exemplo, indicadores de classe criativa, de tolerância e de diversidade. Após inúmeras críticas quanto à metodologia e aos resultados, Florida estendeu e adaptou os conceitos e os indicadores realizados no primeiro estudo especialmente para o contexto europeu. (FLORIDA; TINAGLI, 2004) Na lista de indicadores, são apresentados, no eixo talento, por exemplo, o percentual de ocupações criativas em relação ao emprego total e o número de pesquisadores por mil trabalhadores.

Acredita-se que os estudos de Richard Florida inauguram um novo movimento em torno dos indicadores culturais. Trata-se não mais de uma derivação de cultura, mas de sua percepção em diferentes formas agregadas à criatividade: a classe criativa representada por agentes culturais/criativos dentro de uma lógica de produção e de consumo de bens culturais/criativos; a cultura enquanto comportamento e reconhecimento de si e do outro. Além disso, a presença da construção teórica em torno de cidade criativa, empreendida com mais afincos nos estudos posteriores de Florida, reafirmará a dimensão territorial nos estudos dos indicadores.

O ano de 2003 retoma o protagonismo da Unesco para o campo dos indicadores. No México, o *Seminario Internacional sobre Indicadores Culturales: su contribución al estudio de la economía y la cultura* reuniu diversos especialistas mundiais para analisar experiências em informações e indicadores culturais. O evento enfatizou a busca por uma metodologia para a construção de indicadores que contemplassem a diversidade, a contribuição da cultura à economia e a avaliação das políticas. Além disso, destacou a necessidade de indicadores de desenvolvimento humano com enfoque cultural, enfatizando “o desenvolvimento da criatividade e da livre expressão da pluralidade”. (ROMANO, 2004, p. 5, tradução nossa)

No entanto, o ano de 2003 reservou ainda maior ênfase para a associação dos indicadores culturais com as dimensões sociais e territoriais. A parceria entre a Knight Foundation, a Americans for the Arts, a prefeitura de San José (Estados Unidos) e a Cultural Initiatives Silicon Valley resultou no projeto *Creative community index*. O pano de fundo do projeto está no reconhecimento de que a cultura produz benefícios sociais e econômicos tangíveis no ambiente das cidades e regiões, impactando na criatividade e no estabelecimento de laços de confiança e compreensão social. (CULTURAL INITIATIVES SILICON VALLEY, 2003)

O projeto organizou os *cultural indicators* em quatro categorias de análise no Vale do Silício: *cultural outcomes*, os resultados esperados para uma salutar vida cultural, destacando as conexões sociais; *cultural participation*, a participação da comunidade nas atividades artísticas e culturais; *cultural assets*, os ativos culturais presentes na comunidade, tais como os talentos criativos, os espaços e os equipamentos culturais; *cultural levers*, as instituições e as atividades que incentivam as interações das pessoas com os ativos culturais. (CULTURAL INITIATIVES SILICON VALLEY, 2003)

Em 2004, a publicação da *Agenda 21 da cultura*, fruto das discussões do *Fórum Social Mundial*, de Porto Alegre, foi um importante documento internacional que conferiu destaque à relação entre

cultura, cidadania e sustentabilidade. O principal ponto da *Agenda* foi estabelecer diretrizes para as políticas governamentais locais em favor do desenvolvimento e da diversidade cultural. O documento foi aprovado em Barcelona, na abertura do *Fórum Universal das Culturas*, em 2004. Em termos de indicadores, o fórum sugeriu “uma proposta de sistema de indicadores culturais que dê conta do desenvolvimento desta Agenda 21 da Cultura, a partir de métodos gerais de maneira que se possa facilitar o seguimento e a comparabilidade”. (AGENDA 21, 2004, p. 8) Nos anos seguintes, algumas ações marcam um forte movimento dos indicadores culturais aos municípios, enfatizando as dimensões sociais e territoriais frutos da proposição da *Agenda 21*.

Frisam-se, em 2005, os estudos desenvolvidos no Canadá, especialmente pela atuação da pesquisadora Nancy Duxbury. Através do Creative City Network’s Intermunicipal Comparative Framework Project associado com o *Community Indicator Projects*, da mencionada Knight Foundation, ocorre efetivamente uma preocupação local com os indicadores. Nota-se, por um lado, o interesse nos municípios (avaliação de programas e medidas de eficiência operacional) e, por outro, a busca por associar indicadores de sustentabilidade e qualidade de vida com indicadores artísticos e culturais relacionados à sociedade. (DUXBURY, 2005)

O projeto canadense apresenta indicadores que versam sobre a estrutura física, departamental e pessoal da cultura nos municípios. Além disso, há o reconhecimento dos indicadores como uma ferramenta de governança e, principalmente, como uma ferramenta de comunicação entre governo e sociedade quando, por exemplo, “os números dos indicadores podem falar em debates locais sobre financiamento público para as artes”. (DUXBURY, 2005, p. 266, tradução nossa) Em termos de diretriz, nota-se o município enquanto território e a participação enquanto ênfase social.

É preciso efetuar uma menção ainda ao ano de 2005. Trata-se do esforço empreendido pela International Federation of Arts

Councils and Culture Agencies (IFACCA). A federação é uma rede mundial de conselhos de arte e ministérios da cultura que procura disponibilizar serviços, informação e recursos às organizações-membro. Nesse ano, a instituição publicou um informe intitulado *Indicadores estadísticos para políticas de arte* num esforço para apoiar o desenvolvimento de indicadores mais densos e apropriados para monitoramento e avaliação das políticas para as artes. (INTERNATIONAL FEDERATION OF ARTS COUNCILS AND CULTURE AGENCIES, 2005)

No entanto, em 2006, ocorre a outra iniciativa com ênfase local. Trata-se de uma derivação da *Agenda 21 da cultura*, através da Comissão de Cultura do Fórum das Ciudades y Gobiernos Locales Unidos (CGLU). Em Barcelona, na Espanha, o fórum aprova e publica o documento *Indicadores culturales y Agenda 21 de la cultura*. O documento aponta a necessidade de perceber os temas que relacionam cultura e cidade e os indicadores culturais, os quais nem sempre são visíveis por organizações diretivas. (CIUDADES Y GOBIERNOS LOCALES UNIDOS, 2006) A intenção foi apoiar os governos locais na compreensão conceitual das políticas culturais, apresentando um marco de referência para indicadores qualitativos e de autoavaliação.

Ainda no ano de 2006 a Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) apresenta um primeiro relatório do projeto sobre a medição das atividades culturais e artísticas. O texto de John Gordon e Helen Beilby-Orrin, intitulado *International measurement of the economic and social importance of culture*, relata a intenção do projeto institucional em medir quantitativamente a importância econômica e social da cultura. Trata-se dos primeiros passos para o uso da abordagem do Sistema de Contas Nacionais com foco nos setores culturais.<sup>6</sup> (GORDON; BEILBY-ORRIN, 2006)

6 Um Sistema de Contas Nacionais é um banco de dados que reúne toda a atividade econômica de uma determinada jurisdição de forma intensa, coerente e consistente. (GORDON; BEILBY-ORRIN, 2006)

O ano de 2007 traz a primeira operacionalização da *Agenda 21 da cultura* para os indicadores culturais. Por iniciativa da Federación Española de Municipios y Provincias (FEMP), apresenta-se um projeto para um sistema de indicadores intitulado *Sistema de indicadores para la evaluación de las políticas culturales locales en el marco de la Agenda 21 de la cultura*. (FEMP, 2007) A construção da proposta tinha por objetivo “(i) orientar as políticas culturais locais para as diretrizes propostas na Agenda 21 e (ii) implementar sistemas de informação que permitam o planejamento estratégico da política cultural das administrações públicas”. (COLL-SERRANO *et al.*, 2012, p. 114, tradução nossa)

O projeto da FEMP foi pioneiro em nível internacional e representou um marco de análise das políticas culturais locais. Situação que se consolida em 2009 com a publicação do *Guía para la evaluación de las políticas culturales locales Sistema de indicadores para la evaluación de las políticas culturales locales en el marco de la Agenda 21 de la cultura*. No guia, apresenta-se a estrutura sugerida para os indicadores, com especial destaque para a preocupação em associá-los com os objetivos das políticas culturais e a necessidade de comunicar adequadamente tais indicadores. (FEMP, 2009) Por fim, ainda em 2009, as discussões ocorridas ao longo do tempo sobre cultura e indicadores são sistematizadas pela Unesco na (re)construção do *Framework for cultural statistics* de 1986. Nessa versão, ocorreu a incorporação de conceitos como tecnologias, patrimônio imaterial e novas práticas. Além disso, nota-se o esforço em estabelecer um padrão de estatísticas e indicadores que pudessem ser comparados internacionalmente. (UNESCO, 2009)

### *Indicadores na última década: cultura e democracia*

O início da década registra a atuação da Unesco e de estudos na Espanha na temática sobre os indicadores. Em 2011, a Unesco publica um manual intitulado *Batería de indicadores Unesco en cultura para el desarrollo – manual preliminar de metodología*.

O manual procura “demonstrar como a cultura contribui para o crescimento econômico e ajuda as pessoas e as comunidades a expandir suas escolhas de vida e se adaptar à mudança”. (UNESCO, 2011, p. 2, tradução nossa) O projeto orienta os países-membros na definição, organização e recolha de indicadores de diferentes dimensões da cultura, mas que pudessem ser examinados a partir da questão temática “cultura e desenvolvimento”. Para tanto, foram sugeridos indicadores posicionados em diferentes dimensões, tais como: economia da cultura; comunicação; governança; participação e coesão social; igualdade de gênero. (UNESCO, 2011) Nota-se que a preocupação com as questões da democracia, mesmo que em um sentido lato, ganham intensidade já no início da década. Nesses termos, é oportuno mencionar algumas ações que acabaram por ser continuções de projetos da década anterior. Nomeadamente, têm-se estudos na Espanha que merecem ser destacados. Um exemplo é o publicado em 2012 por Anna Planas Lladó e Pere Soler Masó que se aproxima metodologicamente da proposta da federação dos municípios espanhóis, mas que agrega uma diretriz democrática aos indicadores.

A visão dos pesquisadores remete ao pensamento dos indicadores culturais como *social empowerment*. Um modelo de capacitação à cidadania e de dotação de autonomia às comunidades no que tange às dinâmicas sociais, tal como a cultura, que particularmente se efetiva nos municípios. (LLADÓ; MASÓ, 2012)<sup>7</sup> A proposta sugere a elaboração de instrumentos de estímulo às políticas “onde os cidadãos se tornam protagonistas mais do que espectadores, criadores e não consumidores, facilitadores e não apenas receptores”. (LLADÓ; MASÓ, 2012, p. 124, tradução nossa) Assim, o estudo aponta um conjunto de indicadores quantitativos e, mais interessante, qualitativos para a compreensão, construção e aplicação

7 Há de se mencionar que estudos nos princípios dos anos 2000, na Inglaterra, já estavam preocupados com a avaliação dos recursos culturais e a participação social nos processos de planejamento cultural nos governos locais. (LLADÓ; MASÓ, 2012)

das políticas culturais. Dessa dimensão qualitativa, há a justificativa para o uso de indicadores que possam ser interpretáveis pelos agentes locais, gerando “empoderamento social”.<sup>8</sup>

Outra iniciativa, também na Espanha, foi publicada, em 2012, como um projeto da Faculdade de Economia da Universidade da Valência. O estudo capitaneado por Vicente Coll-Serrano e Salvador Carrasco Arroyo avançou na proposta da Federación Española de Municipios y Provincias. Mesmo com uma forte ênfase econômica, objetivou criar um sistema de informação cultural para (i) apoiar o processo de tomada de decisão nas políticas culturais; e (ii) reforçar a transparência e a prestação de contas voltados aos cidadãos. (COLL-SERRANO et al., 2012; COLL-SERRANO et al., 2014)

A dimensão local dos indicadores foi tão intensa nesse período que até a Unesco, sempre centrada na escala nacional ou mais ampla, volta-se para as dimensões subnacionais de cidades e regiões. Em 2014, a organização publica o *Informe sobre la economía creativa – edición especial 2013* (UNESCO, 2014a), introduzindo indicadores de resultado e de eficácia para (i) medir o impacto da economia criativa; e (ii) apoiar e esclarecer gestores públicos sobre a importância da relação entre a cultura e o amplo conceito de desenvolvimento.

Ainda em 2014, a Unesco publicou um manual metodológico de indicadores. Trata-se do *UNESCO culture for development indicators: methodology manual*, que reforça a busca da organização em criar condições para o desenvolvimento, agora sob a roupagem sustentável, e fomentar a diversidade cultural. Assim, os indicadores de cultura para o desenvolvimento sugerem uma metodologia orientada à demonstração da cultura como motor e catalisador do desenvolvimento sustentável. (UNESCO, 2014b)

8 “apostamos por una idea de empoderamiento vinculada a un proceso de crecimiento, fortalecimiento, habilitación y desarrollo de la confianza de los individuos y las comunidades para impulsar cambios positivos en el contexto, ganar poder, autoridad, capacidad de decisión y cambio tanto individualmente como de forma colectiva.” (SOLER et al., 2014, p. 54).

As experiências datadas até aqui demonstram uma relação, direta ou indireta, com elementos democráticos. Ideias como participação, governança e comunicação são vistas com maior intensidade ao longo desse período. No entanto, a mais significativa experiência nesses termos foi iniciada em 2013, realizada em 2015 e consolidada no ano de 2016. Trata-se do *Indicator Framework on Culture and Democracy* (IFCD), 2015–2016, projeto solicitado pelos ministros da cultura europeus ao Council of Europe, apoiado pela European Cultural Foundation e executado pela Hertie School of Governance, da Alemanha.

O eixo norteador da proposta reconheceu as mudanças estruturais das políticas culturais para um enfoque no envolvimento dos cidadãos e nas abordagens de baixo para cima. (COUNCIL OF EUROPE, 2018a) A visão estabelecida foi a da relação entre cultura e democracia, em que cultura fosse reconhecida como atividades culturais (ações de mercado e não mercado) e democracia como uma forma de governo e de estrutura institucional organizada, com oportunidades para que os cidadãos possam escolher, opinar e influenciar decisões. (COUNCIL OF EUROPE, 2018b) Já a perspectiva metodológica foi a da construção de um conjunto de indicadores para avaliar a contribuição da cultura para a democracia, dada a escassa quantidade de evidências empíricas e ferramentas de medição.

O IFCD foi desenvolvido com uma abordagem inovadora por meio de 40 indicadores, reunidos em 177 variáveis, nos campos políticos, econômicos, cívicos, dentre outros. O projeto foi transformado em um software de acesso pela internet.<sup>9</sup> Além disso, publicou um relatório temático intitulado *Cultural participation and inclusive societies: a thematic report based on the Indicator Framework on Culture and Democracy*. (COUNCIL OF EUROPE, 2017)

Por fim, outro projeto na União Europeia deve ser destacado. Ao seguir a mesma percepção de entender a cultura inter-relacionada

9 Disponível em: <http://www.governancereport.org/ifcd/>. Acesso em: 26 abr. 2019.

com outras dimensões sociais (como a criatividade em termos simbólicos, ou a política em termos pragmáticos), e territoriais, a European Union apresentou, em 2017, o projeto *The cultural and creative cities monitor*.<sup>10</sup> Nessa direção, o projeto reconhece o valor da cultura e da criatividade para a sociedade europeia como recurso estratégico, mas que carece de evidências argumentativas, especialmente à formulação de políticas no âmbito das cidades.<sup>11</sup> (EUROPEAN UNION, 2017)

A metodologia empregada pela União Europeia representa a consolidação de um movimento iniciado por Richard Florida, que articula a cultura e suas dimensionalidades com o território. Porém, enfatiza uma ação política mais densa com vista a ações intervencionistas por órgãos de governo.

## AS ESCOLAS E MOVIMENTOS DOS INDICADORES CULTURAIS

A história aponta a existência de escolas e movimentos em torno da construção dos indicadores. Tal existência já foi previamente sistematizada por Carrasco Arroyo (1999). Ao que parece, o pesquisador percebeu três formações que retratavam novos conceitos e novas aplicações, consolidando o conhecimento em torno do tema. Portanto, três escolas de pensamento sobre indicadores culturais. No entanto, a análise aqui empreendida oportuniza lançar mão de hipóteses sobre a existência de outras formações em torno do tema. Do estudo desenvolvido, destacam-se, assim, três escolas e quatro movimentos teóricos sobre os indicadores culturais. O Quadro 1 sintetiza a presente proposta.

- .....
- 10 O projeto possui uma plataforma de acesso on-line que pode ser utilizada no link disponível em: <https://composite-indicators.jrc.ec.europa.eu/cultural-creative-cities-monitor>. Acesso em: 26 abr. 2019.
  - 11 As informações quantitativas do monitor foram reunidas em 29 indicadores relevantes para nove dimensões, tendo pesos estabelecidos por análises estatísticas e por expertos no tema.

## Quadro 1 – Escolas e movimentos sobre os indicadores culturais

ESCOLAS		PERSPECTIVA
ANÁLISE DE CONTEÚDO	A ênfase no conteúdo das formas simbólicas articula a presença dos meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, com o comportamento das pessoas diante das mensagens transmitidas.	George Gerbner em 1969. Karl Erik Rosengren no período de 1945-1975.
PRODUÇÃO CULTURAL	Baseia-se na dimensão estruturada da cultura ao reconhecer a criação, a produção, a circulação e o consumo, enfatizando as políticas culturais (âmbito nacional). Frisa a infraestrutura e os bens de consumo associados à comunicação.	Pierre Bourdieu e Alain Darbel, em 1966. Unesco na década 1980. IFACCA em 2005.
VALORES E COMPORTAMENTOS	Configura-se por uma perspectiva antropológica em que analisa os padrões sociais e culturais das sociedades nacionais. Crenças, valores, visões sobre democracia e tolerância, por exemplo, são percebidos enquanto manutenção e mudança dos comportamentos sociais ao longo do tempo.	Richard Inglehart a partir de 1970, com expressividade na década de 1990.
MOVIMENTOS		PERSPECTIVA
CULTURA E DESENVOLVIMENTO	Markada por uma visão mais abrangente de cultura, procura estabelecer relações entre essa e suas políticas implicadas nas diferentes visões de desenvolvimento (e também de políticas), como econômico, humano, sustentável, entre outros.	Unesco na década de 1990 e nos anos de 2011 e 2014. Banco Mundial em 1999. Knight Foundation em 2001. Organisation for Economic Co-operation and Development em 2006.
CULTURA E CRIATIVIDADE	Inter-relaciona cultura e criatividade com as estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais, estabelecendo articulações tanto com a produção cultural quanto com os valores e comportamentos sociais, já na escala das cidades e regiões.	Richard Florida em 2002. Unesco em 2003. Cultural Initiatives Silicon Valley em 2003. <i>Creative City Network's Intermunicipal Comparative Framework Project</i> em 2005. Unesco em 2014. European Union em 2017.
CULTURA E GOVERNANÇA	Enfatiza a gestão da cultura, nomeadamente através das políticas culturais de âmbito local e regional, destacando o planejamento, a transparência e o diálogo social.	<i>Creative City Network's Intermunicipal Comparative Framework Project</i> em 2005. Federación Española de Municipios y Provincias em 2007. Vicente Coll-Serrano e Salvador Carrasco-Arroyo em 2012.
CULTURA E DEMOCRACIA	Percebe o fluxo da produção cultural e das práticas e comportamentos sociais na dinâmica da democracia e desta à cultura. Esse duplo movimento enfatiza os cidadãos e as abordagens políticas (culturais e democráticas) de baixo para cima.	Anna Planas Lladó e Pere Soler Masó em 2012. Council of Europe em 2013.

Fonte: elaborado pelos autores.

Vale dizer que, as escolas são percebidas na história especialmente pelo reconhecimento realizado por Carrasco-Arroyo (1999). Já os movimentos são aproximações a partir da análise do componente prático de criação dos indicadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredita-se que a história dos indicadores culturais ensina, por meio de escolas e movimentos, que o entendimento de cultura e a compreensão e uso dos indicadores estão atrelados às intencionalidades dos agentes e das instituições. A realidade cultural que se pretende descrever é algo dinâmico em função da relação de forças e poderes estabelecida entre os diferentes agentes envolvidos na configuração dos indicadores. Assim, os indicadores nunca serão neutros, são devedores do modelo interpretativo e do seu uso. (BLOMKAMP, 2015; BOHNER, 1979; BONET AGUSTÍ, 2004)

Por fim, para uma breve reflexão na perspectiva brasileira, a agenda tende a voltar-se para os processos de governança e de democracia. Evidentemente, os desafios que se impõem são significativos: a desconfiança de mensurar a cultura; a implementação de uma gestão pública que valorize a participação e o acesso à informação; e, numa dimensão ampla, a atual conjuntura de pensamento do povo brasileiro sobre governo e democracia.

Em que pese a definição e a aplicação de estratégias para superar tais desafios, da ordem dos indicadores culturais, a história retrata a possibilidade de se trabalhar adequadamente com conceitos e aplicações originais, ressignificados ou adaptados em outras perspectivas. Em última instância, o adequado uso e as finalidades serão determinados pelas intencionalidades.

## REFERÊNCIAS

- AGENDA 21. Agenda 21 da Cultura: um compromisso das cidades e dos governos locais para o desenvolvimento da cultura. In: FÓRUM UNIVERSAL DAS CULTURAS, 2004, Barcelona. *Anais [...]*. Barcelona, 2004. Disponível em: [http://semanaculturaviva.cultura.gov.br/linhadotempo/pdf/docs\\_internacionais/Agenda21\\_Cultura\\_2004.pdf](http://semanaculturaviva.cultura.gov.br/linhadotempo/pdf/docs_internacionais/Agenda21_Cultura_2004.pdf). Acesso em: 21 mar. 2018.
- BLOMKAMP, E. A critical history of cultural indicators. In: MACDOWALL, L. *et al.* (ed.). *Making culture count: the politics of cultural measurement*. Melbourne: Palgrave Macmillan, 2015.
- BOHNER, L. *Indicators of cultural development within the European context*. Paris: Unesco, 1979.
- BONET AGUSTÍ, L. Reflexiones a propósito de indicadores y estadísticas culturales. *Boletín Gestión Cultural*, Barcelona, n. 7, p. 1-13, abr. 2004. Disponível em: [http://www.gestioncultural.org/ficheros/1\\_1316772114\\_LBonet-Indicadores.pdf](http://www.gestioncultural.org/ficheros/1_1316772114_LBonet-Indicadores.pdf). Acesso em: 26 abr. 2019.
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2007.
- CARCELES-BREIS, G. *Towards a framework of socio-cultural indicators for the development process*. Paris: Unesco, 1992.
- CARLEY, M. *Indicadores sociais: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- CARRASCO ARROYO, S. C. Indicadores culturales: una reflexión. *Econcult*, València, p. 1-21, 1999. Disponível em: <http://oic.mdebuenosaires.gob.ar/contenido/objetos/IndicadoresculturalesUnareflexion.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- Ciudades y Gobiernos Locales Unidos – CGLU. *Indicadores culturales y Agenda 21 de la Cultura*. Barcelona, 2006.
- COLL-SERRANO, V. *et al.* Sistema de indicadores culturales local: Siculo. *El profesional de la información*, León, v. 21, n. 1, p. 113-117, 2012.
- COLL-SERRANO, V. *et al.* Propuesta metodológica para el diseño de un sistema de indicadores culturales local basado en la planificación estratégica. *Política y Sociedad*, Madrid, v. 51, n. 2, p. 423-446, 2014.

COUNCIL OF EUROPE. *Cultural participation and inclusive societies: a thematic report based on the indicator framework on culture and democracy*. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

COUNCIL OF EUROPE. *Indicator framework on culture and democracy* (IFCD). Strasbourg: Council of Europe, 2018a. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/culture-and-heritage/indicators-culture-and-democracy>. Acesso em: 2 abr. 2018.

COUNCIL OF EUROPE. *Indicator framework on culture and democracy* (IFCD). Strasbourg: Council of Europe, 2018b. Disponível em: <http://www.governancereport.org/ifcd>. Acesso em: 2 abr. 2018.

CULTURAL INITIATIVES SILICON VALLEY. *Creative community index: measuring progress toward a vibrant Silicon Valley*. San José: Cultural Initiatives Silicon Valley, 2003.

DUXBURY, N. Cultural indicators and benchmarks in Community Indicators Projects: performance measures for cultural investment? *In: ACCOUNTING FOR CULTURE COLLOQUIUM*, Gatineau, 2003. *Proceedings* [...]. 2003. Gatineau.

DUXBURY, N. *Cultural indicators and benchmarks in community indicator projects*. *In: ANDREW, C. et al. (org.). Accounting for culture: thinking through cultural citizenship*. Ottawa: Ottawa Press, 2005. p. 257-271.

EUROPEAN UNION. *The Cultural and Creative Cities Monitor 2017 edition*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2017.

FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE MUNICIPIOS Y PROVINCIAS. *Sistema de indicadores para la evaluación de las políticas culturales locales en el marco de la Agenda 21 de la Cultura*. Madrid, 2007.

FEDERACIÓN ESPAÑOLA DE MUNICIPIOS Y PROVINCIAS. *Guía para la evaluación de políticas culturales locales*. Madrid, 2009.

FUKUDA PARR, S. En busca de indicadores de cultura y desarrollo: avances y propuestas. *In: UNESCO. Informe Mundial sobre la cultura 2000-2001*. Paris: Unesco, 2000. p. 293-299.

GERBNER, G. Cultivation analysis: an overview. *Mass Communication & Society*, Abingdon, v. 1, n. 3-4, p. 175-194, 1998.

- GERBNER, G.; GROSS, L. *Cultural indicators: the social reality of television drama*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1973. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED079390>. Acesso em: 25 fev. 2018.
- GOLDSTONE, L. Measuring culture: prospects and limits. In: UNESCO. *World culture report: culture, creativity and markets*. Paris: Unesco, 1998. p. 349-351.
- GORDON, J.; BEILBY-ORRIN, H. *International measurement of the economic and social importance of culture*. Paris: Organisation for Economic Co-operation and Development, 2006.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF ARTS COUNCILS AND CULTURE AGENCIES. *Indicadores estadísticos para políticas de arte*. Sydney: IFACCA, 2005.
- INGLEHART, R. *Modernización y posmodernización: el cambio cultural, económico y político en 43 sociedades*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 1998.
- JANNUZZI, P. M. *Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações*. Campinas: Alínea, 2017.
- KNIGHT FOUNDATION. *Listening and learning: community indicator profiles of Knight Foundation Communities and the nation*. Miami: Knight Foundation, 2001.
- LLADÓ, A. P.; MASÓ, P. S. Sistema de indicadores para políticas municipales culturales: una herramienta de evaluación. *EMPIRIA. Revista de Metodología de Ciencias Sociales*, [s. l.] n. 24, jun./dic., p. 117-140, 2012.
- PATTANAIK, P. Cultural indicators of well-being: some conceptual issues. In: UNESCO. *World culture report: culture, creativity and markets*. Paris: Unesco, 1998. p. 333-340.
- PETERSON, R. A. *Arts audience statistics and culture indicators: a review of complementary approaches*. Washington, D.C.: National Endowment for the Arts, 1980. Disponível em: [https://eric.ed.gov/?q=Arts+ Audience+Statistics+and+Culture+Indicators&id=ED229286](https://eric.ed.gov/?q=Arts+Audience+Statistics+and+Culture+Indicators&id=ED229286). Acesso em: 25 fev. 2018
- FLORIDA, R.; TINAGLI, I. *Europe in the creative age*. Pittsburgh: Carnegie Mellon University, 2004.

- ROMANO, M. C. Indicadores culturales, su construcción. *Noticias de Antropología y Arqueología*, Buenos Aires, 2004. Disponible em: <http://www.equiponaya.com.ar/articulos/gestion03.htm>. Acceso em: 26 abr. 2019.
- ROSENGREN, K. E. *Media effects and beyond: culture, socialization and lifestyles*. London: Routledge, 1994.
- SOLER, P. *et al.* Empoderamiento en la comunidad: el diseño de un sistema abierto de indicadores a partir de procesos de evaluación participativa. *Pedagogía Social: Revista Interuniversitaria*, Salamanca, v. 24, p. 49-77, 2014.
- UNESCO. *Conferencia Intergubernamental sobre las Políticas Culturales en Europa*. Helsinki: Unesco, 1972. Disponible em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0000/000014/001486SB.pdf>. Acceso em: 25 fev. 2018.
- UNESCO. *Preliminary study on the scope and coverage of a framework for cultural statistics*. Paris: Unesco, 1979.
- UNESCO. *Estadísticas culturales y desarrollo cultural*. Paris: Unesco, 1982a.
- UNESCO. *Conferencia Mundial sobre las Políticas Culturales: informe final*. Ciudad de México: Unesco, 1982b.
- UNESCO. *The Unesco Framework for Cultural Statistics (FCS)*. Paris: Unesco, 1986.
- UNESCO. *Our creative diversity – report of the World Commission on Culture and Development*. Paris: Unesco, 1995.
- UNESCO. *World culture report: culture, creativity and markets*. Paris: Unesco, 1998.
- UNESCO. *Measuring culture and development: prospects and limits of constructing cultural indicators*. Florence: Unesco: World Bank, 1999.
- UNESCO. *World culture report 2000 – cultural diversity, conflict and pluralism*. Paris: Unesco, 2000.
- UNESCO. *Marco de estadísticas culturales (MEC) de la Unesco*. Montreal: UIS; Unesco, 2009.
- UNESCO. *Batería de indicadores Unesco en cultura para el desarrollo – Manual preliminar de metodología*. Paris: Unesco, 2011.

UNESCO. *Informe sobre la economía creativa – 2013 edición especial: ampliar los cauces de desarrollo local*. Ciudad de México: Unesco, 2014a.

UNESCO. *Indicadores Unesco de cultura para el desarrollo: manual metodológico*. Paris: Unesco, 2014b.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. *1982-2000: de MONDIACULT a “Nuestra diversidad creativa”*. Ciudad de México: Unesco, 2018.

Disponível em: <https://ich.unesco.org/es/1982-2000-00309>. Acesso em: 4 mar. 2018.